

HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL

CONFLITOS SOCIAIS, GUERRAS E RELAÇÕES DE GÊNERO: REPRESENTAÇÕES E VIOLÊNCIA





ADRIANA ZIERER
ANA LIVIA BOMFIM VIEIRA
(ORGANIZADORAS)

HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL
CONFLITOS SOCIAIS, GUERRAS E RELAÇÕES DE GÊNERO:
REPRESENTAÇÕES E VIOLÊNCIA



EDITORA UEMA

São Luís
2017

© **copyright 2017 by UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO**
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA UEMA.

EDITORA UEMA
Cidade Universitária Paulo VI - CP 09 Tirirical
CEP - 65055-970 São Luís - MA
www.uema.br - editorauema@gmail.com

DIVISÃO DE EDITORAÇÃO

Claudio Eduardo de Castro

CONSELHO EDITORIAL

Alan Kardec Gomes Pachêco Filho
Ana Lucia Abreu Silva
Ana Lúcia Cunha Duarte
Eduardo Aurélio Barros Aguiar
Fabiola Oliveira Aguiar
Helciane de Fátima Abreu Araújo
Helidacy Maria Muniz Corrêa
Jackson Ronie Sá da Silva

José Roberto Pereira de Sousa
José Sampaio de Mattos Jr
Luiz Carlos Araújo dos Santos
Marcelo Cheche Galves
Márcia Milena Galdez Ferreira
Maria Claudene Barros
Maria Sílvia Antunes Furtado
Rosa Elizabeth Acevedo Marin

CAPA

Henry J. G. Lisboa

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Kerly Ferreira

REVISÃO

Márcia Manir Miguel Feitosa

História Antiga e Medieval. Conflitos Sociais, guerras e relações de gênero: representações e violência / Adriana Zierer, Ana Livia Bomfim Vieira (Orgs.). - São Luís: EDUEMA, 2017, v. 6.

400 p.

ISBN 978-85-8227-179-7

1. História Antiga. 2. História Medieval. 3. Conflitos Sociais.
4. Guerras. 5. Relações de Gênero. I. Zierer, Adriana. II. Vieira, Ana Livia Bomfim. III. Título

CDU: 94(100)“...05”:.316.48

APRESENTAÇÃO

Este livro, com tema voltado aos *Conflitos Sociais, Guerras e Relações de Gênero*, é o sexto da coleção *História Antiga e Medieval* (v. 6, 2017). Possui o propósito de dar continuidade ao fortalecimento das pesquisas na área, com perspectiva interdisciplinar, oferecendo subsídios para pesquisadores, professores e alunos através da troca de experiências com estudiosos do Brasil e do exterior.

Enfatizamos a relação da Antiguidade e Medieval com os conflitos sociais existentes nessas sociedades (disputas entre os grupos sociais, religiosos e entre nações), as relações de gênero (os comportamentos masculinos e femininos nas sociedades antiga e medieval e suas inter-relações), associando-os à questão da violência e das representações humanas ao longo do tempo.

Desta maneira, pretendemos refletir sobre importantes temas da historiografia contemporânea mediados por docentes de diversas instituições. Anteriormente os livros trataram principalmente de *Cultura e Ensino* (v. 1, 2009); *Rupturas, Transformações e Permanências* na sociedade (v. 2, 2009); *Simbologias, Influências e Continuidades*, abordando as relações de poder (v. 3, 2011); *Viagens e Viajantes*, acerca da espacialidade (v. 4, 2012) e *Sonhos, Mitos e Heróis* (v. 5, 2015), analisando a memória e a identidade.

Além dessas iniciativas, os laboratórios de pesquisa *Brathair* – Grupo de Estudos Celtas e Germânicos e *Mnemosyne* – Laboratório de História Antiga e Medieval também estimularam outras coletâneas e livros autorais, visando fortalecer a produção interdisciplinar nesse campo de investigação.

A publicação é dividida em quatro seções ou partes, voltada principalmente para a Guerra e as Relações de Gênero. Inicia-se com o belo capítulo de Ana Maria Rodrigues, da Universidade de Lisboa, acerca das relações de gênero; como eram vistos homens e mulheres, bem como o papel das últimas e seus comportamentos num importante conflito em Portugal, a Tomada de Ceuta. A seguir, temos o delicioso texto de Pauline Schmitt-Pantel (Univ. Paris 1) sobre os significados do cinturão das amazonas e as relações de poder nas narrativas míticas e imagéticas, envolvendo lutas entre masculino e feminino, como, por exemplo, entre o herói Hércules e a amazona Hipólita.

Segue a este capítulo a análise acerca da experiência religiosa feminina nos mosteiros portugueses medievais a partir do século XIV, no capítulo do professor João Luís Inglês Fontes (Univ. Nova de Lisboa/IEM/ICT). Nos artigos internacionais também há a contribuição do Dr. Rosuel Lima-Pereira (Univ. Guyanne), tratando do heroísmo de um importante personagem histórico eivado de traços míticos: o rei D. Sebastião, último monarca da Dinastia de Avis. O autor aborda os elementos do mito em Portugal e o seu significado no imaginário brasileiro.

Além desses textos, o livro possui a contribuição de docentes nacionais de todas as regiões do Brasil (norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul), pertencentes a importantes laboratórios de pesquisa na área da Antiguidade e Medieval.

Nosso objetivo com esta obra, portanto, é continuar os esforços para o fortalecimento do campo de Antiga e Medieval num momento auspicioso para a Universidade Estadual do Maranhão. Em sua primeira avaliação pelos órgãos governamentais do país (CAPES), o Mestrado na área de História, Ensino e Narrativas elevou a sua nota, o que abre a possibilidade para a futura criação do Doutorado em História e estimula profícuos estudos sobre os períodos antigos e medievais, sempre na perspectiva de análise do passado para compreensão do nosso presente, nos caminhos apontados por Marc Bloch¹, Eric Hobsbawm², entre outros, em suas investigações.

As organizadoras

1 BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

2 HOBSBAWM, Eric. *Sobre a História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PREFÁCIO

É com imenso prazer que vejo chegar à publicação o sexto volume da coleção *História Antiga e Medieval*, que tem como ponto de partida os núcleos Mnemosyne e Brathair. Digo ponto de partida uma vez que uma característica desses volumes é a busca incessante por aglutinar outros grupos de pesquisa, sejam nacionais ou internacionais. E vemos nesse sexto livro da coleção nove núcleos de pesquisas nacionais e autores da Universidade de Lisboa, da Universidade de Paris 1, da Universidade Nova de Lisboa. E devo agradecer imensamente o convite da professora Adriana Zierer para a redação do prefácio desse volume. Trata-se de uma verdadeira honra, uma vez que reúne uma plêiade de consagrados especialistas na Antiguidade e no Medievo.

Dessa feita, o título reflete um olhar sobre temas atualíssimos das recentes pesquisas nas áreas em questão: *História Antiga e Medieval. Conflitos Sociais e Relações de Gênero: representações e violência*. A sua publicação reflete a tentativa de fortalecimento dos estudos antigos e medievais no Nordeste e Norte do Brasil. Todavia, devemos considerar que sua abrangência extrapola o incentivo a esses estudos apenas nessas duas regiões. Na verdade, eles se expandem e repercutem por todo o território nacional e colaboram para a divulgação e importância do estudo desses períodos para a formação de nossa própria identidade.

Digo isso seguindo um texto do professor Hilário Franco Júnior que ressalta: “Estudar História – de qualquer época e de qualquer local – não deve ser tarefa utilitarista, não deve ‘servir’ para alguma coisa específica. A função de seu estudo é mais ampla e importante; é desenvolver o espírito crítico, é exercitar a cidadania. Ninguém pode atingir plenamente a maturidade sem conhecer a própria história, e isso inclui, como não poderia deixar de ser, as fases mais recuadas do nosso passado. Assim, estudar História Medieval é tão legítimo quanto optar por qualquer outro período. Mas não se deve, é claro, desprezar pedagogicamente a relação existente entre a realidade estudada e a realidade do estudante. Neste sentido, pode ser estimulante mostrar que, mesmo no Brasil, a Idade Média, de certa forma, continua viva”¹.

1 FRANCO JÚNIOR, Hilário Somos Todos da Idade Média. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, Sabin, Ano 3, n.30, pp.58-60, mar. 2008.

No texto do professor Hilário, apesar da generalização para o fato de se “Estudar História”, a maior preocupação se concentra nos estudos do medievo. Mas ele mesmo ressalta que “Ninguém pode atingir a maturidade sem conhecer sua própria história [...] o que inclui as fases mais recuadas do nosso passado”. E dentre essas fases “mais recuadas” situa-se também a enorme importância da Antiguidade. Devemos lembrar que as origens da civilização europeia ocidental têm como nascedouro mais próximo o legado de Alexandre Magno, a Civilização Helenística. Como já disse um historiador, “Roma conquistou a Grécia e saiu dela conquistada”... De fato, Roma herdou essa civilização, assimilou-a e a difundiu. Isso para não remontarmos nosso passado a épocas mais distantes e não menos significativas e importantes.

O eixo central dos estudos do sexto volume de *História Antiga e Medieval* centra-se na questão dos Conflitos Sociais e Relações de Gênero: representações e violência. Temas extremamente candentes na atual historiografia de ambos os períodos em questão. Apesar de conter textos de diferentes vertentes e diversas metodologias, nota-se certo predomínio da História Cultural nos estudos que estão compilados. E o livro encontra-se dividido em quatro partes temáticas: Guerra, Conflitos e Relações de Gênero; Guerra, Sociedade e Violência; Guerra, Relações Humanas e Diplomacia e, por fim, Guerra, Representações e Cultura.

Em sua *primeira parte*, **Guerra, Conflitos e Relações de Gênero**, congregando nove textos, encontramos a colaboração de estudiosos internacionais da Universidade de Lisboa, da Universidade de Paris 1, Universidade Nova de Lisboa, além de diversos grupos de estudos nacionais de diversos estados. Nele, observamos a questão do gênero e da guerra tratada de diversas maneiras: imagética e música, textos bíblicos, mulheres aristocráticas, a conquista de Ceuta, experiências religiosas femininas, relações entre guerra e casamento. Todos esses ensaios, cujo eixo catalisador é a questão da guerra e do gênero, parecem centrados no que denominamos de Nova História.

Na *segunda parte*, **Guerra, Sociedade e Violência**, que aglutina seis ensaios, nos deparamos com um vasto arco metodológico. Entram em questão a etno-história e a arqueologia, a antropologia, a literatura, a democracia ateniense, as guerras no mundo romano, a questão dos sacrifícios humanos, problemáticas sobre a obra de Alfonso X, o Sábio, e problemas sobre os conflitos sociais na Alta Idade Média. Tal módulo, assim como do primeiro ao quarto, nos leva a profundas reflexões e fornecem preciosos subsídios para o desenvolvimento e aprofundamento de suas temáticas.

Sinésio de Cirene, João de Salisbury e Isidoro de Sevilha são alguns dos tópicos temáticos da *terceira parte*, **Guerra, Relações Humanas e Diplomacia**,

que congrega quatro estudos. Nele encontramos temas sobre homens e animais, mito fundador e identidade, saberes medievais e relações diplomáticas. A guerra e a diplomacia como eixo central das relações humanas prevalecem, fornecendo a unidade do módulo.

A *parte quatro*, **Guerra, Representações e Cultura**, concentra o maior número de estudos, num total de dez. Chama a atenção o título do texto do professor Ricardo da Costa (UFES): “Guerra nas Estrelas: a metáfora artística da sociedade medieval no macrocosmo astrológico do homem zodiacal”. Ao seu lado, encontramos a questão do sebastianismo maranhense, do rei Sebastião na religião de matriz africana maranhense, guerra retórica no *Roman* medieval, os atributos arturianos dos heróis da *Crónica de D. João I*, a problemática da medicina castrense na Península Ibérica, representações simbólicas do cavaleiro em Portugal, o desconcerto do mundo no Cancioneiro Geral, a questão da aleivosia e da morte e o papel da música nas batalhas medievais. Permeado pela questão do “imaginário”, recorrente entre os antiquistas e medievalistas, o quarto módulo fecha com brilhantismo o livro, brilhantismo que, aliás, percorre todas as suas quatro partes.

Há que se destacar que esse sexto livro da série *História Antiga e Medieval* concentra 29 ensaios extremamente densos, sugestivos e, especialmente, instigadores para novos estudos sobre os temas apresentados. Acreditamos que o sucesso dessa publicação, já na sua sexta edição, tem colaborado de forma incisiva para o desenvolvimento dos estudos desses períodos e a congregar, o que também é bastante significativo, diversos núcleos de pesquisa internacionais e nacionais. É graças a publicações como essa que vemos cada dia mais a adesão de pesquisadores para esses períodos da História. Resta-nos saudar esse trabalho do *Mnemosyne* e *Brathair* nessa iniciativa agregadora e divulgadora dos estudos antigos e medievais que faz com que a Academia comece a perceber, como nos lembrou Hilário Franco Júnior, que ninguém nasce aos 50 anos e que desconhecer as origens do que fomos e do que somos apenas implica diagnosticar doenças sem conhecer suas causas. Uma vez mais, gostaria de agradecer o convite da professora Adriana Zierer que me concedeu o privilégio da redação desse prefácio.

Prof. Dr. Ruy de O. Andrade Filho
(UNESP – ASSIS/ NEAM² Assis/Franca)

2 NEAM. Núcleo de Estudos Antigos e Medievais da UNESP Assis/Franca.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	05
PREFÁCIO – <i>Ruy de Oliveira Andrade Filho</i>	07

PARTE 1 – GUERRA, CONFLITOS E RELAÇÕES DE GÊNERO

EM TORNO DA CONQUISTA DE CEUTA: GUERRA E GÊNERO NA IDADE MÉDIA.....	17
<i>Ana Maria S. A. Rodrigues (Univ. de Lisboa/UL)</i>	
O CINTURÃO DAS AMAZONAS: ENTRE CASAMENTO E GUERRA, UMA HISTÓRIA DE GÊNERO.....	33
<i>Pauline Schmitt-Pantel (Univ. Paris 1)</i>	
“O DESERTO NA CIDADE”: EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS FEMININAS EM PORTUGAL NOS FINAIS DA IDADE MÉDIA.....	51
<i>João Luís Inglês Fontes (Univ. Nova de Lisboa/IEM/FCT).</i>	
GORGÓ E ARTEMISA: DITOS E FEITOS DAS MULHERES GREGAS NA GUERRA CONTRA OS PERSAS.....	75
<i>José Renato de Araújo Sousa (UFPI)</i>	
UM MOSTEIRO REBELADO: AS VÁRIAS FACES DA REVOLTA DAS MONJAS DE POITIERS NO SÉCULO VI.....	81
<i>Edmar Checon de Freitas (UFF/Scriptorium)</i>	
ENTRE AVE E EVA – IMAGENS FEMININAS NA MÚSICA MEDIÉVAL.....	97
<i>Lenora Pinto Mendes (UFF/Scriptorium)</i>	
DIANTE DO TOUCADOR.....	109
<i>Maria Eurydice de Barros Ribeiro (UnB/PEM)</i>	
O LOCUS DA CARTA AOS GÁLATAS 3,28 E OS DEBATES SOBRE A SEXUALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NO MEDITERRÂNEO ANTIGO.....	115
<i>Roberta Alexandrina da Silva (UFPA/LEIR)</i>	

MELÂNIA: DE DŌMĨNA À SERVA DE CRISTO. REPRESENTAÇÕES DE MULHERES ARISTOCRÁTICAS NO CRISTIANISMO (SÉC. IV-V D.C.).....	135
<i>Silvia M. A. Siqueira (UECE/ARCHEA)</i>	

PARTE 2: GUERRA, SOCIEDADE E VIOLÊNCIA

DEMOCRACIA, CIDADANIA E VIOLÊNCIA: O “MODELO” ATENIENSE.....	153
<i>Ana Livia Bomfim Vieira (UEMA/Mnemosyne)</i>	

DE BELLO AO BELO EMBATE – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A GUERRA NO MUNDO ROMANO E NA IDADE MÉDIA.....	159
<i>Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ/Brathair/NIELIM)</i>	

EVIDÊNCIA DE GUERRA NAS ESTEARIAS: UMA APROXIMAÇÃO ETNOHISTÓRICA E ARQUEOLÓGICA	175
<i>Alexandre Guida Navarro (UFMA/LARQ)</i>	

PRÁTICAS DE SACRIFÍCIOS HUMANOS EM CARTAGO: REALIDADE OU EXCENTRICIDADE ANTROPOLÓGICA?.....	185
<i>Fabrcio Nascimento de Moura (UEMASUL/NEMHAM)</i>	

LITERATURA E PODER: O LIVRO DOS DOZES SÁBIOS COMO INSTRUMENTO DE PROPAGANDA POLÍTICA DE ALFONSO X, O SÁBIO ANTE A NOBREZA REBELADA.....	197
<i>Jaime Estevão dos Reis (UEM/LEM)</i>	

CONFLITOS SOCIAIS NA ALTA IDADE MÉDIA (SÉCULOS V-X).....	207
<i>Mário Jorge da Motta Bastos (UFF/Translatio Studii)</i>	

PARTE 3: GUERRA, RELAÇÕES HUMANAS E DIPLOMACIA

CONFLITOS, A DIPLOMACIA E OS SABERES MEDIEVAIS.....	219
<i>Douglas Lima (UFOPA/Scriptorium)</i>	

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS NA ANTIGUIDADE TARDIA: REFLEXÕES EM TORNO DE DE REGNO DE SINÉSIO DE CIRENE.....	229
<i>José Petrúcio de Farias Júnior (UFPI)</i>	

**SOBRE HOMENS E ANIMAIS: AS RELAÇÕES HUMANAS E OS
CONCEITOS DE TRADIÇÃO E HARMONIA NO METALOGICON
DE JOÃO DE SALISBURY (C.1120-1180).....239**
Carlile Lanzieri Júnior (UFMT/Vivarium)

**RECONSTRUINDO A IMAGEM DO INVASOR: ISIDORO DE
SEVILHA – MITO FUNDADOR E IDENTIDADE.....255**
Sérgio Alberto Feldman (UFES)

PARTE 4: GUERRA, REPRESENTAÇÕES E CULTURA

**GUERRA E ATRIBUTOS ARTURIANOS DOS HERÓIS DA
CRÔNICA DE D. JOÃO I.....273**
Adriana Zierer (UEMA/Brathair/Mnemosyne)

**REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DO CAVALEIRO EM
PORTUGAL: GUERREIRO DE CRISTO E DEFENSOR DA PÁTRIA.....293**
Ana Marcia Alves Siqueira

**INTRODUÇÃO À MEDICINA CASTRENSE NOS REINOS IBÉRICOS
(SÉCS. XIII-XIV).....305**
*Dulce O. Amarante dos Santos (UFG);
Maria Dailza da Conceição Fagundes (UEG)*

**UM MUNDO EM DESCONCERTO NO CANCIONEIRO GERAL
– OS “ARRENEGOS” DE GREGÓRIO AFONSO317**
Geraldo Augusto Fernandes (UFC)

**O CONDE JANO, DE MÁRIO DE CARVALHO: O MEDIEVO SOB
O LEMA DA ALEIVOSIA E DA MORTE.....331**
Márcia Manir Miguel Feitosa (UFMA/UFC)

**OS INSTRUMENTOS MUSICAIS NAS BATALHAS MEDIEVAIS –
ICONOGRAFIAS E NARRATIVAS.....339**
Márcio Paes Selles (UFF/Scriptorium)

**LITERATURA MEDIEVAL E GUERRA RETÓRICA: EM TORNO
DO ROMAN MEDIEVAL347**
Marcus Baccega (UFMA/Brathair)

**CONFLITO E RELIGIOSIDADE: REI SEBASTIÃO NA RELIGIÃO
DE MATRIZ AFRICANA DO MARANHÃO357**
Mundicarmo Ferretti (UFMA)

**HEROÍSMO, GUERRA E IMAGINÁRIO: RAÍZES MEDIEVAIS E
SOCIOCULTURAIS DO SEBASTIANISMO MARANHENSE.....365**

Rosuel Lima-Pereira (Universidade da Guiana Francesa/Un. Guyanne)

**GUERRA NAS ESTRELAS: A METÁFORA ARTÍSTICA DA
SOCIEDADE MEDIEVAL NO MACROCOSMO ASTROLÓGICO
DO HOMEM-ZODIACAL.....375**

Ricardo da Costa (UFES)



UM MOSTEIRO REBELADO: AS VÁRIAS FACES DA REVOLTA DAS MONJAS DE POITIERS NO SÉCULO VI

Edmar Checon de Freitas¹ (UFF/Scriptorium)

Uma rebelião de monjas sacudiu a parte sul da Gália em março de 589. Cerca de quarenta monjas abandonaram o mosteiro da Santa Cruz, em Poitiers, dando início a um longo e complexo conflito que se estendeu pelos meses seguintes, passando da insubordinação ao confronto armado.² Explodiram nesse momento diversas tensões acumuladas há anos, envolvendo as relações entre bispos, monjas e o poder régio. Considerando esse quadro, o estudo de tal episódio apresenta-se como ocasião especial para penetrar no emaranhado das redes de relações de poder na Gália merovíngia, lançando-se alguma luz sobre os atores individuais e coletivos que delas participavam. Mas antes de entrar nos detalhes da revolta propriamente dita, vamos procurar situar o dito mosteiro no contexto da história política e religiosa da Gália merovíngia.

* * *

OS ANTECEDENTES

Por volta de 530, os reis francos Teuderico I (511-534) e Clotário I (511-561) derrotaram os turingios em batalha.³ Na partilha do butim, coube a Clotário

1 Professor de História Medieval da Universidade Federal Fluminense – UFF; pesquisador do Scriptorium – Laboratório de Estudos Medievais e Ibéricos (UFF).

2 Sobre os detalhes dessa revolta vejam-se: FREITAS, 2004; 2011; VAN DAM, 1993, p.30-41; ROSENWEIN, 2002, p.187-195; DAILEY, 2015, p.64-79.

3 À morte do rei Clóvis, em 511, os domínios francos foram divididos entre seus quatro filhos: Teuderico (511-534), Clodomiro (511-524), Childeberto (511-558) e Clotário (511-561). Os três últimos eram filhos de Clóvis com a rainha Clotilde (†544), ao passo que Teuderico provinha de uma união anterior do rei. Clodomiro morreu em 524, numa guerra contra os burgúndios. Os demais irmãos partilharam seus domínios e expandiram as conquistas francas. As relações entre francos e turingios eram tensas e complexas, a começar pelo fato de ter raízes nessa região a família que liderava os francos no século VI: em meados do século V, uma rainha turingia, Basina, abandonou o marido para desposar o franco Childerico, de cuja união nasceu Clóvis. Nos anos 520 havia, três reis na Turingia: os irmãos Baderico, Hermanfredo e Bertário. Após eliminar Bertário, Hermanfredo buscou o apoio do rei franco Teuderico I para destronar seu irmão, Baderico, que foi morto em combate.

levar como troféus a princesa Radegunda e um irmão desta. Algum tempo depois, o rei tomou essa jovem por esposa.⁴ Cerca de 550, Radegunda recebeu autorização do marido para deixar o leito conjugal e ingressar na vida religiosa, tendo recebido substancial apoio dos bispos Medardo de Noyon (†c.560) e Germano de Paris (†576). Após um período de retiro numa *villa* em Saix, nas cercanias de Poitiers, terminou por se fixar nessa cidade onde, por volta de 560, fundou um mosteiro.⁵ Radegunda não se tornou abadessa dessa comunidade, embora se mantivesse como referência de autoridade e prestígio para a mesma. O mosteiro adotou como norma a *Regula ad Virgines*, elaborada pelo bispo Cesário de Arles (†542) para o mosteiro feminino de São João, por ele fundado nessa mesma cidade entre 508 e 512 (DE VOGÜÉ; COURREAU, 1988, p.21). Seguindo essa regra, as abadessas deveriam ser eleitas pela comunidade, tendo na primeira eleição sido escolhida para essa função uma jovem monja de nome Agnes (*Hist.* IX,42).

Poitiers era a cidade de Santo Hilário (†368), bispo que no século IV combatera a heresia ariana e fora mestre de São Martinho de Tours (†397). O culto do primeiro era especialmente importante para os bispos de Poitiers, que, na condição de sucessores do santo na cátedra episcopal local, associavam-se a seus milagres e ao prestígio deles recorrentes. Como observa R Van Dam (1993, p.30-31), na época da fundação do estabelecimento monástico de Radegunda, parece ter havido uma boa convivência entre ela e a autoridade episcopal local. De fato o mosteiro em questão foi erguido sob a proteção do rei Clotário, mediante os esforços do bispo Pientius

Hermanfredo e Teuderico desentederam-se em seguida, o que levou à guerra a que se fez menção acima. Cf. GREGÓRIO D. TOURS, *Historiae* III,3; III,7 (daqui por diante indicado como *Hist.*); WOOD, 1994, p.50.

4 Radegunda e seu irmão eram filhos do falecido rei Bertário, a que se fez menção na nota anterior. Sobre a trajetória de Radegunda é importante consultar as versões mais antigas da *Vita Radegundis*. A primeira (BHL 7048), escrita poucos anos após sua morte, ocorrida em 587, deveu-se ao poeta Venâncio Fortunato (†c.610), mais tarde bispo de Poitiers. A segunda (BHL 7049) foi redigida por volta de 610 pela monja Baudonívia, ela própria integrante da comunidade monástica fundada por Radegunda. Indicaremos tais obras, respectivamente, como 1VR e 2VR. Cf. RUBIO, 2006; 2007. Para o texto latino, cf.: MGH, SRM 2, p.358-395.

5 As duas versões da *Vita Radegundis* divergem nesse ponto. Segundo Fortunato, Radegunda deixou Clotário após o assassinato de seu irmão, sendo em seguida ordenada diaconisa pelo bispo Medardo de Noyon (1VR 12). Teria se seguido um período de peregrinações — que incluiu estadas em Metz e Tours (1VR 13-14) — o retiro em Saix (1VR 15) e finalmente a reclusão definitiva num mosteiro em Poitiers (1VR 21-22). Baudonívia registra simplesmente sua separação de Clotário, “por obra da potência divina” (“*operante divina potentia*”, 2VR 3). O rei teria, sem sucesso, tentado trazê-la de volta, ordenando em seguida a edificação do mosteiro para a rainha, em Poitiers (2VR 4-5). Clotário teria tentado recuperá-la ainda uma outra vez, segundo Baudonívia, novamente sem alcançar seu intento, para o que teria concorrido a oposição do bispo Germano de Paris (2VR 6-7). O assassinato do irmão de Radegunda é confirmado por Gregório de Tours (*Hist.* III,7), que, no entanto, não estabelece conexão entre o mesmo e o retiro da rainha para a vida monástica.

(†c.560) e do duque Austráprio, homem de confiança do rei (2VR 5; VAN DAM, 1993, p.30).⁶ Mas após a eleição de Pascentius (†c.568), sucessor de Pientius, ocorreu um progressivo distanciamento entre o bispo e o mosteiro. Para Van Dam (1993, p.30-33), a quem seguimos nesse ponto, isso se deveu, por um lado, à movimentação um tanto autônoma da rainha-monja com relação ao bispo de Poitiers, mantendo a mesma um ativo contato com outras autoridades religiosas da Gália. Por outro, Radegunda desenvolveu ao longo de sua vida retirada — mesmo antes de sua reclusão definitiva em Poitiers — uma intensa atividade de coleta de relíquias. Segundo uma de suas hagiógrafas, a monja Baudonívia (c.610), ela possuía relíquias de Santo André, de São Mamede e de uma “grande multidão de santos” (2VR 13-14).⁷ Essa concentração de relíquias num mosteiro associado à realeza merovíngia transformava-o num santuário que competia em certa medida com o culto de Santo Hilário. É digno de nota que algum tempo depois da fundação do mosteiro de Radegunda o bispo Pascentius encomendou ao poeta Venâncio Fortunato uma *Vita Hilarii*, bem como uma coleção de milagres atribuídos ao mesmo santo.

Essa situação se tornou mais tensa por volta de 568, quando Radegunda, após receber autorização do rei Sigeberto I (561-575),⁸ enviou emissários ao imperador Justino II, de Constantinopla (565-578), visando à obtenção de uma relíquia da Cruz de Cristo (2VR 16; VAN DAM, 1993, p.31-32). Em 569, essa importante relíquia chegou a Poitiers e foi solenemente instalada numa igreja do mosteiro de Radegunda. O bispo Maroveu (†c.590), que pouco tempo antes sucedera a Pascentius, recusou-se a presidir as cerimônias de translação e entronização da relíquia. A mando do rei Sigeberto I, foi substituído pelo bispo de Tours, Eufrônio (†573). Ficavam explícitas, assim, as tensões que existiam nas relações entre o bispo de Poitiers e o mosteiro de Santa Cruz, como passaria a ser conhecido o estabelecimento monástico fundado por Radegunda.

6 Austráprio foi escolhido por Clotário para suceder Pientius, tendo sido inclusive feito clérigo e ordenado bispo de Champtoceaux. Mas Pientius sobreviveu a Clotário, ao que tudo indica tendo falecido logo depois do rei (561). Cariberto (561-567), um dos quatro filhos que sucederam a Clotário e sob cuja autoridade estava Poitiers, contrariando a decisão do pai, escolheu para a cátedra episcopal dessa cidade o então abade da basílica de Santo Hilário, Pascentius (GREGÓRIO DE TOURS, *Hist.* IV,18; DUCHESNE, 1910, p.80-84).

7 “*Postquam in monasterium ingressa, quantam multitudinem sanctorum fidelissimis precibus congregavit [...]*” (2VR 14)

8 Após a morte de Clotário, em 561, seus quatro filhos dividiram entre si os domínios francos: Cariberto (Paris), Sigeberto (Reims), Gontrão (Orleans) e Chilperico (Soissons). Cariberto morreu em 567, o que ensejou disputas entre os irmãos e uma nova partilha. Sigeberto e Chilperico mantiveram-se em conflito, tendo o primeiro sido assassinado em 575 e o segundo em 584. Childeberto II (575-595), filho de Sigeberto, foi proclamado rei aos cinco anos de idade pela aristocracia franca que servira a seu pai. O único filho que sobreviveu a Chilperico, Clotário II (584-613), era ainda um bebê. Seus domínios passaram a ser controlados pelo tio, Gontrão (561-592). Assim, no período abordado neste trabalho, havia de fato dois reis na Gália merovíngia: Gontrão e Childeberto II. Cf. WOOD, 1994, p.55-60.

Como já indicado acima, essa comunidade religiosa seguia a regra para monjas de Cesário de Arles. Esse bispo obtivera, em 515, do papa Hormisdas (514-523) a garantia da independência do mosteiro que fundara frente ao poder episcopal (*Exulto in domino*, 2 = DE VOGÜÉ; COURREAU, 1988, p.352). Tem-se aí um indício de que a opção pela regra de Arles representava uma afirmação de autonomia monástica frente aos bispos de Poitiers.⁹ Note-se que, ao tentar dissuadir as monjas rebeldes, em 587, de seus propósitos, o bispo Gregório de Tours (†594) menciona e transcreve em suas *Histórias* uma carta enviada a Radegunda por Eufrônio de Tours, Germano de Paris e outros bispos reunidos no II Concílio de Tours, em 567 (*Hist.* IX,39). Nela os prelados confirmam a autoridade de Radegunda e sancionam a submissão da comunidade à regra de Cesário.¹⁰ Num outro texto atribuído a Radegunda e também transcrito por Gregório de Tours (*Hist.* IX,42), a submissão à regra de Cesário é novamente afirmada. Para Gregório, aliás, era certo que Radegunda buscara nessa normativa de Arles socorro contra o bispo de Poitiers, completando seus esforços ao colocar seu mosteiro sob a proteção direta do rei Sigeberto (*Hist.* IX,40).¹¹

Radegunda faleceu a 13 de agosto de 587 e novamente as velhas rusgas entre o bispo e a monja afloraram. Maroveu ausentou-se da cidade e dessa forma não

9 É incerto se essa opção pela regra de Cesário ocorreu já no momento da fundação do mosteiro ou alguns anos depois. Gregório de Tours (*Hist.* IX,40) sugere que a adoção da regra de Cesário deu-se após o desentendimento entre Radegunda e Maroveu, no contexto da recepção da relíquia da Santa Cruz, ou seja, por volta de 570. Mas um manuscrito do século X, conservado na Biblioteca de Troyes (Ms. 1248, f.129v-132v), contém uma carta da abadessa Cesária, a Jovem (†c.560), de São João de Arles, dirigida a Radegunda e a uma certa Richildis. Nela Cesária encaminha às mesmas um exemplar da *Regula ad virgines*, de Cesário de Arles. A dar fé a este testemunho, teríamos a adoção da regra em questão no mosteiro de Radegunda no tempo de sua fundação, por volta de 555. Isso porque, em 561, já dirigia o mosteiro de São João a abadessa Lilióla. Cesária, a Jovem, era sobrinha do bispo Cesário e sucedera em 524 a irmã do mesmo e primeira abadessa, também ela chamada Cesária. Cf. DE VOGÜÉ; COURREAU, 1988, p.440-460; 476-495 (*Ep. ad Richildae et Radegundi*).

10 Nas atas do II Concílio de Tours, figuram as assinaturas dos bispos Pretextato (Rouen), Germano (Paris), Félix (Nantes), Chaletricus (Chartres), Domiciano (Angers), Vitorio (Rennes), Domnolus (Le Mans) e Leudebaudis (Sées). O bispo local, Eufrônio, titular provincial, assina uma *Epistula ad plebem* juntamente com os demais bispos de sua província então presentes, à exceção do bispo de Rennes (ou seja, Nantes, Angers e Le Mans). A carta enviada a Radegunda e reproduzida por Gregório é assinada pelos bispos Eufrônio, Pretextato, Germano, Félix, Domiciano, Vitorio e Domnolus, o que evidencia se tratar do mesmo corpo episcopal reunido em Tours, em 567. Cf. VAN DAM, 1993, p.31; LES CANONS ..., 1989, p.390-393, 398-399; PONTAL, 1989, p.156-163.

11 Barbara Rosenwein (1997; 2002) trata o conflito entre Maroveu e o mosteiro sob outra perspectiva. Para ela é preciso considerar os esforços do bispo no sentido de evitar a colocação de uma relíquia desse peso num mosteiro feminino, impossibilitando o acesso do público em geral à mesma. Maroveu agiria assim no papel de protetor dos fiéis a ele confiados. Sobre a restrição ao acesso às relíquias em mosteiros na Alta Idade Média veja-se também Julia Smith, 2002.

presidiu os ofícios fúnebres. Mais uma vez o bispo de Poitiers foi substituído pelo de Tours, nesse caso Gregório, que desde 573 sucedera seu primo Eufrônio (*Hist.* IX,2; GC 104). A abadessa Agnes tentou uma reaproximação com Maroveu, o qual se comprometeu a tomar o mosteiro sob seus cuidados desde que ele ficasse inteiramente sob sua autoridade, o que foi confirmado pelo rei Childeberto II (GREGÓRIO DE TOURS, *Hist.* IX,40). À época da revolta das monjas, da qual se tratará em seguida, a abadessa à frente do mosteiro da Santa Cruz chamava-se Leubovera, evidenciando que Agnes falecera não muito tempo depois da fundadora do mosteiro. A desaparecimento dessas duas mulheres, profundamente associadas às origens e aos primeiros anos de existência do mosteiro, certamente contribuiu para a instabilidade em meio à qual eclodiu a revolta de 589.

Finalmente é preciso considerar a situação de Poitiers frente ao poder régio e à autoridade episcopal provincial. Assim como a vizinha Tours, Poitiers passou da autoridade de Clotário I para a de Cariberto (561), desta para a de seu irmão Sigeberto I (567) e em seguida ficou sob o controle do filho deste, Childeberto II (575). Ambas foram também durante algum tempo ocupadas e controladas por Chilperico e Gontrão. Em 587, Gontrão e Childeberto II celebraram um acordo que pôs fim a um longo período de hostilidade entre ambos, conhecido como o Pacto de Andelot (*Hist.* IX,20). Nesse tratado o controle de Tours e de Poitiers ficou garantido a Childeberto II. Mas Poitiers integrava a província eclesiástica de Bordeaux, na Aquitânia, região mantida sob o domínio de Gontrão. Desse modo a cidade onde se situava o mosteiro da Santa Cruz estava ligada simultaneamente a dois reinos, permanecendo ainda sob a influência dos poderosos bispos de Tours.

* * *

A REVOLTA

As monjas que, em março de 589, deixaram o mosteiro em Poitiers eram lideradas pelas princesas merovíngias Crodielde e Basina, respectivamente filhas dos falecidos reis Cariberto (†567) e Chilperico (†584). Elas dirigiram-se inicialmente a Tours, onde foram recebidas pelo bispo Gregório, cuja sobrinha, Justina, era então priora do mesmo mosteiro (FORTUNATO, *Carm.* IX,7:81-84). É ele que nos fornece em suas *Histórias* um relato bastante minucioso desses eventos (*Hist.* IX,39-43; X,15-17, 20). A queixa central das monjas voltava-se contra a abadessa, Leubovera, a qual não as estaria tratando segundo sua condição de filhas de reis. De acordo com o relato do bispo de Tours, as monjas em rebelião haviam se unido por juramento, tendo como objetivo expulsar a abadessa e substituí-la por Crodielde. Seu propósito imediato era levar aos reis suas queixas, que se estendiam também ao suposto descuido do bispo Maroveu para com a situação dessas monjas. Crodielde deixou as companheiras em Tours e partiu ao encontro do rei Gontrão em Châlons-sur-

-Saône. Foi bem recebida pelo rei, seu tio, regressando a Tours com muitos presentes e a promessa de que seu caso seria levado à discussão perante um concílio. Segundo Gregório, a essa altura várias monjas do grupo rebelado já haviam rompido seus votos e contraído matrimônio. As que restaram regressaram a Poitiers e se instalaram na basílica de Santo Hilário, reunindo em torno de si um bando armado que garantia sua posição.

Algum tempo depois chegou a Poitiers o bispo metropolitano de Bordeaux, Gondegisel, acompanhado dos bispos Nicásio de Angouleme, Safário de Périgueux e outros clérigos. Junto com Maroveu, bispo local, eles dirigiram-se à basílica de Santo Hilário, exigindo das monjas o retorno ao mosteiro. Diante da recusa das mesmas, os bispos decretaram sua excomunhão, ao que se seguiu um motim na basílica. Os bispos e demais clérigos foram postos em fuga. Crodielde assumiu o controle das terras pertencentes ao mosteiro e se preparou para invadi-lo. Nesse ínterim, o rei Childeberto interveio, ordenando ao conde local, Macco, que restabelecesse a ordem na cidade. Ao longo do restante desse ano, a situação permaneceu praticamente inalterada. Outros bispos do reino de Gontrão confirmaram as decisões de Gondegisel, recomendando, porém, que fosse garantido às rebeladas a reintegração à comunidade mediante penitência. O próprio Maroveu manifestou-se no sentido de mediar a reconciliação. Mas não se avançou para além disso. Gregório conclui essa primeira fase de seu relato informando que muitas monjas deixaram definitivamente Poitiers, retornando a suas famílias ou seguindo para outros mosteiros.

Ao se aproximar a Páscoa do ano seguinte, a situação se agravou. O bando de Crodielde invadiu o mosteiro e capturou a abadessa, a qual foi mantida prisioneira numa casa situada nas proximidades da basílica de Santo Hilário, onde residia Basina, uma das líderes da revolta. Posteriormente Leubovera foi libertada mediante ação de Flaviano, um dos oficiais de Childeberto.

Desentendimentos entre Basina e Crodielde fizeram com que a primeira organizasse um grupo armado à parte, por vezes se reaproximando da abadessa. Como resultado três grupos passaram a se enfrentar nas ruas de Poitiers: os homens de Crodielde, os de Basina e os serviçais da própria abadessa. O sangue correu, com mortes perpetradas mesmo nos recintos sagrados. Com o agravamento do quadro, o rei Childeberto mais uma vez acionou o conde Macco, que atacou duramente os vários bandos em conflito e invadiu o mosteiro, no qual curiosamente Crodielde se refugiara e de onde ela saiu brandindo a relíquia da Santa Cruz como sua proteção. Por fim, após castigar duramente os que integravam os bandos armados pelas monjas rebeladas, Macco pôs fim à confusão.

Childeberto e Gontrão concordaram em organizar um encontro de bispos dos dois reinos para avaliar toda a questão, entre os quais figurava o próprio Gregório de Tours. A abadessa foi acusada por Crodielde de várias transgressões disciplinares, das quais foi absolvida, não sem receber a admoestação dos bispos. Crodielde e Basina foram excomungadas e Leubovera foi reconduzida a sua posição como aba-

dessa. Mas em meados de novembro desse mesmo ano (590), durante um concílio realizado em Metz para julgar o bispo Egídio de Reims, Basina e Crodielde foram perdoadas, a pedido do rei Childeberto II.¹² A primeira foi reintegrada à comunidade monástica de Poitiers, ao passo que a outra, que se negou à reconciliação com a abadessa, foi presenteada com uma *villa* nos arredores de Poitiers, onde passou a residir.

* * *

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revolta das monjas de Poitiers aparece no plano narrativo das *Histórias* do bispo Gregório de Tours como um sinal do fim dos tempos. O relato ocupa parte dos dois últimos dentre os dez livros que compõem a longa narrativa de Gregório, figurando ao lado de outros eventos catastróficos, como guerras, epidemias e terremotos. Mas também entra na composição de um quadro de transgressões e conflitos no universo religioso da Gália, tais como a disputa entre mãe e filha pelo controle de um mosteiro em Tours (*Hist.* IX,33), vários casos de monges tentados pelo diabo (*Hist.* VIII,34) e a movimentação de líderes populares que, reunindo multidões em torno de si, percorriam a Gália e eram qualificados por Gregório como falsos profetas (*Hist.* IX,6; X,25). Como demonstra Martin Heinzlmann (2001), a narrativa gregoriana propõe uma leitura de seu mundo seguindo a linha da história da salvação, iniciando-se com a referência à criação do mundo (*Hist.* I,1) e fazendo coincidir o fim do texto com a expectativa do fim dos tempos. Nesse caso a revolta liderada por Crodielde e Basina seria apenas um episódio tempestuoso, perdido num emaranhado de eventos pecaminosos que marcariam um mundo prestes a se acabar. Mas ainda que seja possível analisar por esse prisma o relato do bispo de Tours, não se pode perder de vista sua relação mais direta com o quadro social e político correspondente ao tempo e lugar em que o mesmo foi produzido.

Um primeiro aspecto a ser ressaltado é a estreita conexão entre a vida do mosteiro e o poder régio. Não é de se estranhar, pois se tratava de uma comunidade fundada por uma rainha e na qual viviam princesas. Mas a própria fundação do mosteiro sinaliza um envolvimento mais intenso dos reis merovíngios com o o universo religioso, ao que tudo indica buscando controlar certos espaços sagrados. Como observa R. Van Dam (1993, p.24-27), eles promoviam diretamente o culto a

12 Egídio de Reims foi um bispo que atuou ativamente no universo político merovíngio na segunda metade do século VI. Homem da corte de Sigeberto I, foi também uma das principais lideranças do reino do filho deste, Childeberto II. Em 590 caiu em desgraça junto a esse rei, confessando sua culpa numa série de conspirações. Julgado culpado de traição, foi deposto do ofício eclesiástico e exilado em Strasbourg (*Hist.* X,19). Em 573, Egídio presidiu o ofício da consagração episcopal de Gregório de Tours, em Metz, onde se reunia a corte de Sigeberto I (FORTUNATO, *Carm.* V, 3:13).

determinados santos, associando-se ao prestígio e à sacralidade inerentes aos lugares em que passavam a ser cultuados. Assim Clóvis mandara construir uma igreja em honra dos Apóstolos Pedro e Paulo, na qual ele e vários outros membros de sua família viriam a ser sepultados (*Hist.* II,43; III,18; IV,1). Childeberto I, seu filho, favoreceu a introdução em Paris da devoção a São Vicente de Saragossa, cujas relíquias ele próprio teria trazido de uma incursão na Espanha. Seguindo o mesmo padrão estabelecido por Clóvis, Childeberto foi sepultado nessa igreja de São Vicente (*Hist.* III,29 ; IV,20). Clotário I, também filho de Clóvis, buscou favorecer o culto de São Medardo de Noyon, o mesmo que fora responsável pela consagração monástica de Radegunda, iniciando a construção de uma igreja em honra do santo, na qual foi depois sepultado. Seu filho Sigeberto I terminou a construção desse templo, que viria a ser também o local da sua própria sepultura. Chilperico, outro filho de Clotário, também manteve ligações próximas com o culto de São Medardo. Quando da doença de um de seus filhos, Clodoberto, buscou-se a sua cura fazendo-o passar a noite diante do túmulo do santo, local em que veio a falecer (*Hist.* IV,19; 21; 51).

Além dessa vinculação entre o mosteiro e o poder merovíngio, há outra questão diretamente relacionada aos reis que se manifesta no contexto da revolta de 589. Como vimos acima, Gontrão reconhecera definitivamente, em 587, o controle de Poitiers por Childeberto II, seu sobrinho. As disputas entre as monjas, por envolverem a autoridade do bispo metropolitano de Bordeaux, cidade do reino de Gontrão, permitiram que ele se imiscuisse novamente em questões relativas a Poitiers (VAN DAM,1993, p.37). Não deixava de ser uma manifestação da extensão de seu poder, movimento útil nas tensas relações que eram mantidas entre os dois reis. Vale destacar que o bispo de Bordeaux, Gondegisel, era homem de confiança de Gontrão.¹³

O conflito que dilacerou a comunidade da Santa Cruz nos permite também compreender melhor a dinâmica do poder episcopal, evidenciando um certo nível de competição entre titulares das diferentes dioceses. Nesse caso é importante destacar o papel desempenhado pelos bispos de Tours não só na questão da revolta propriamente dita, mas também ao longo de toda a trajetória do mosteiro. Como vimos acima, dois bispos de Tours, Eufrônio e Gregório, atuaram como oficiantes em dois dos principais momentos associados à história dessa casa monástica, ou seja, a entronização da relíquia da Santa Cruz e as exéquias de Radegunda. Gregório era,

13 Antes dele quem estivera à frente da cátedra episcopal de Bordeaux fora um primo de Gontrão chamado Bertrand (†585). Este último caiu em desgraça junto ao mesmo ao apoiar as pretensões régias de Gundovaldo, que se dizia filho de Clotário e, portanto, irmão do próprio Gontrão, tendo granjeado apoio junto à parte da aristocracia da Aquitânia. Gundovaldo acabou morto pelas tropas de Gontrão, em 585 (*Hist.* VI,24; VII,10-11 ; 26-28 ; 30-32 ; 34-38). Bertrand foi perdoado pelo primo e morreu pouco tempo depois. Durante sua doença, manifestou o desejo de ser sucedido pelo afilhado e diácono Waldo. Entretanto Gontrão acabou apontando como bispo de Poitiers o conde de Saintes, Gondegisel (*Hist.* VIII,2 ; 22).

na verdade, primo de Eufrônio, seu antecessor. Pertenciam a uma tradicional família aristocrática da Gália, tendo em sua parentela bispos que governaram dioceses importantes, como as de Clermont, Lyon, Langres, além de Tours. Curiosamente Gregório não trata nas suas *Histórias* de sua própria eleição. Mas o poeta Venâncio Fortunato, amigo de Gregório, comemora a eleição num de seus poemas, situando a consagração episcopal em Metz, sob o patrocínio do rei Sigeberto I, de sua esposa Brunilda e de Radegunda (FORTUNATO, *Carm.* V,3:13-16). Mais tarde Gregório visitou Radegunda e Agnes em Poitiers, registrando no seu *Liber in Gloria Martyrum* os prodígios operados pela relíquia da Santa Cruz que lá ele teria testemunhado. Nesse texto ele se refere a Radegunda como *beata regina* (GM 5).

Depois dos eventos associados à rebelião das monjas, a influência de Gregório em Poitiers parece ter aumentado. Após a morte do bispo Maroveu, por volta de 591, quem assumiu a cátedra episcopal dessa cidade foi um certo Platão, que até então exercia as funções de arqui-diácono junto a Gregório, em Tours (*Hist.* V,49). Venâncio Fortunato celebra o fato num de seus poemas (*Carm.* X,14), referindo-se a Platão como um discípulo enviado por Gregório à cidade gêmea, sob os auspícios do rei Childeberto.¹⁴

Também a trajetória de Fortunato merece aqui atenção. Nascido em Ravena e versado nas artes poéticas, ele se dirigiu em peregrinação à Gália, por volta de 565, com o objetivo de prestar homenagem a São Martinho de Tours por se considerar beneficiário de uma cura obtida pela intercessão do mesmo.¹⁵ Estava em Metz em 566, por ocasião do casamento entre Sigeberto e Brunilda, dedicando ao casal um longo poema (*Carm.* VI,1). Nos anos seguintes, Fortunato circulou pelos diferentes reinos merovíngios, escrevendo poemas em louvor de reis, rainhas e seus filhos, bem como saudando bispos e membros da aristocracia laica. Acabou por se fixar em Poitiers, onde continuou sua intensa atividade literária, produzindo, além de versos, vidas de santos e coleções de milagres encomendados por vários bispos. Nessa cidade ligou-se de modo especial a Radegunda, Agnes e ao mosteiro, tendo contribuído nas negociações para a aquisição da relíquia da Santa Cruz. Aliás alguns dos seus mais conhecidos poemas relacionam-se à veneração da Cruz, como o *Pange lingua* e o *Vexilla regis* (*Carm.* XII,2; 6). Em Poitiers, ainda veio a se tornar presbítero. Por ocasião da revolta de 587, escreveu dois poemas dedicados a Gregório, lamentando o desenrolar de tais acontecimentos (*Carm.* VIII,12; 12a). Alguns anos mais tarde (c.600), Venâncio Fortunato tornou-se bispo de Poitiers, sucedendo a Platão.

14 Nos seus *Libri de virtutibus sancti Martini episcopi* (VM), Gregório relata os milagres operados por relíquias de São Martinho levadas para Poitiers por Platão, no tempo de sua consagração, os quais figuram em seu texto ao lado de episódios correspondentes ao ano 591 (VM IV,32-33). Isso sugere que Platão tornou-se bispo de Poitiers nesse ano. Cf. também VAN DAM, 1993, p.298, n.110.

15 Sobre a vida e a carreira de Venâncio Fortunato, vejam-se: Judith George (1995); Marc Reydellet (2002). Sobre as relações entre Gregório e Fortunato, cf. Marc. Reydellet (1997).

Gregório de Tours, Venâncio Fortunato, Platão, Sigeberto, Childeberto, Radegunda, Agnes. Esses nomes circulam nas fontes que nos permitem conhecer um pouco da Gália merovíngia, tais como as *Histórias*, de Gregório ou os *Carmina*, de Fortunato. O que se tem de fato delineada é uma sólida rede que conecta o palácio, a catedral e o mosteiro. Cada um desses polos aparece no caso aqui estudado mediante uma forte ancoragem espacial. Assim podemos falar num polo turonense ou episcopal, representado pelos bispos Eufrônio e Gregório; um polo régio, associado ao círculo de Sigeberto I, Brunilda e Childeberto II (Reims e Metz); um polo monástico, reunido em torno das figuras de Radegunda e Agnes, em Poitiers.

A dinâmica do processo que acompanhamos pode ser melhor compreendida com base nos deslocamentos ao longo dessa rede. Assim Fortunato, poeta de corte, avança mediante sua ligação com o bispo de Tours junto do polo monástico, em Poitiers. Nessa mesma linha, deve-se situar a entrada no mosteiro da Santa Cruz da sobrinha de Gregório, Justina, que acabou por assumir a função de priora. Noutro movimento percebe-se a expansão do polo episcopal de Tours na direção de Poitiers. Este se inicia com a atuação dos bispos Eufrônio e Gregório como oficiais em eventos centrais da vida religiosa local, mediante apoio régio, completando-se com a elevação de Platão, diácono em Tours, à cátedra episcopal da cidade vizinha. Finalmente o circuito se fecha com a ordenação episcopal de Fortunato. Aquele que era, ao mesmo tempo, o homem do rei, do mosteiro e amigo dos bispos de Tours tornava-se também bispo de Poitiers.

Note-se que uma outra rede interceptava esta que acabamos de delinear, formada pela conexão entre o rei Gontrão, o bispo de Bordeaux — titular metropolitano — e o de Poitiers. Nesse caso Gregório de Tours aparece como figura capaz de transitar entre ambas. De fato, nas suas *Histórias*, ele identifica Gontrão como *bonus rex*, comparável a um piedoso bispo e cujos fragmentos de roupas ou mesmo a invocação do seu nome produziam curas e exorcismos (*Hist.* IV,25; IX,21). Em algumas ocasiões ele esteve encarregado de missões junto à Gontrão, inclusive como um dos emissários de Childeberto II que negociaram o Pacto de Andelot (*Hist.* VIII,1-2; IX,20).

Resta avaliar como se enquadram nesse modelo os episódios relativos à revolta das monjas iniciada em 589. Como ponto de partida, devemos considerar a inserção das líderes do movimento, Crodielde e Basina, no universo dos reis merovíngios. Como já indicamos acima, ambas eram filhas de reis, mas de monarcas falecidos e cuja sucessão não garantia a continuidade do controle do poder pelos respectivos núcleos familiares. O pai de Crodielde, Cariberto, morreu em 567. Uma de suas filhas, Berta, casara-se alguns anos antes com o rei de Kent, Ethelberto (*Hist.* IV,26; IX,26). Outra filha de Cariberto, Berthefleda, teve destino semelhante ao de Crodielde, tendo sido recolhida a um mosteiro feminino em Tours, do qual acabou saindo por não se enquadrar na disciplina monástica (*Hist.* IX,33).¹⁶ O mosteiro em

16 Segundo Gregório de Tours, Berthefleda não se dedicava aos ofícios monásticos, vivendo em meio à gula e à preguiça.

que residiu fora fundado por Ingitrude, prima dos reis Gontrão e Sigeberto e irmã do bispo Bertrand de Bordeaux (†585). De acordo com as *Histórias*, de Gregório de Tours, o rei Cariberto e a rainha Ingoberga tiveram apenas uma filha, aquela que casou-se com o rei de Kent. Assim Crodielde e Berthefleda provavelmente eram filhas de uma ou mais concubinas do rei.¹⁷

O caso de Basina é ainda mais complexo. Era filha de Chilperico com uma certa Audovera, de quem o rei tivera também outros filhos. Chilperico ligou-se, porém, a uma de suas serviçais, Fredegunda, a qual assumiu a condição de rainha.¹⁸ Em 580, dois filhos que ela tivera com Chilperico morreram durante uma epidemia. Uma intriga no palácio lançou a culpa da morte dos jovens príncipes sobre Clóvis, filho de Audovera, o único dos três filhos do sexo masculino que ela tivera com Chilperico que ainda vivia.¹⁹ Clóvis, sua mãe e parte da sua criadagem acabaram sendo assassinados nessa ocasião. A jovem Basina foi então confiada ao mosteiro de Rade-gunda, em Poitiers (*Hist.* V,39).

O que se evidencia desse emaranhado de eventos é que tanto Crodielde quanto Basina, apesar de sua condição régia, não estavam integradas em núcleos centrais de poder. Após a morte de seus pais, ficaram relegadas a um plano secundário, descartadas do ativo mercado matrimonial por meio do qual eram celebradas alianças entre os reinos do Ocidente desse tempo. Mesmo assim, como já destacamos anteriormente, a solidariedade da parentela protegeu-as ao longo da rebelião que lideraram. Note-se ainda que, na pessoa de ambas, encontramos mais uma manifestação da conexão entre os reis e determinados mosteiros fundados por membros da casa merovíngia, caso das comunidades organizadas por Ingitrude e Rade-gunda. Desse modo a rebelião liderada por Crodielde e Basina consistiu como que na propagação de uma trinca na base do edifício construído pelas conexões entre a casa de Sigeberto, o mosteiro da Santa Cruz e a dos bispos de Tours. Tal fissura originou-se no momento da sucessão de Agnes, a primeira abadessa da Santa Cruz e que de certa forma representava a continuidade da presença de Rade-gunda. Ao que tudo indica, as princesas-monjas esperavam assumir definitivamente uma posição de poder na

17 Cariberto chegou a desposar também duas irmãs, Merofleda e Marcovefa, filhas de um tecelão que servia ao palácio. A segunda era consagrada à vida religiosa, motivo das censuras que o rei sofreu da parte do bispo Germano de Paris, que o excomungou. De acordo com Gregório, tanto Marcovefa quanto o próprio rei morreram como resultado de um castigo divino (*Hist.* IV,26).

18 Por volta de 567, Chilperico também desposou Galswintha, irmã de Brunilda, a esposa de Sigeberto. Galswintha foi assassinada pouco tempo depois do seu casamento, retomando Fredegunda sua posição junto ao rei (*Hist.* IV,28).

19 Audovera teve com Chilperico mais dois filhos, além de Clóvis: Teudeberto e Meroveu. O primeiro morreu combatendo o tio, Sigeberto (*Hist.* IV,50). O segundo rebelou-se contra o pai e foi morto por um servidor, a seu próprio pedido, ao ser derrotado em combate. Curiosamente Meroveu chegou a ser ordenado clérigo e também casou-se com a viúva de Sigeberto, Brunilda (*Hist.* IV,28; V, 2-3; 14; 18).

rede que delineamos acima. A eleição de Leubovera frustrou seus planos, mas sua reação somente se fez possível diante das tensas relações entre o mosteiro e a autoridade episcopal de Poitiers.

Note-se que o percurso espacial executado por Crodielde (Poitiers – Tours – Châlons) corresponde ao deslocamento entre os polos das duas diferentes redes de poder que se cruzavam na cidade de Santo Hilário. Usando uma outra metáfora, Crodielde e seu grupo produziram um curto-circuito nessas redes, com força suficiente para gerar confrontos sangrentos. Tal força decorria justamente do caráter híbrido das líderes, ao mesmo tempo monjas e princesas, o que permitia sua movimentação entre os diferentes polos das redes de poder.

Os anos que transcorreram entre a eclosão da revolta e a elevação de Platão à cátedra episcopal de Poitiers correspondem ao esforço para controlar essas forças desintegradoras. As mortes de Maroveu (c.591) e Gontrão (592) contribuíram para a obtenção de uma nova configuração de equilíbrio. Este último morreu sem deixar herdeiros, o que, pelos acordos estabelecidos em 597, trouxe seu reino para o domínio de Childeberto II. Maroveu, como já salientamos, foi sucedido por Platão, consolidando a influência de Tours sobre Poitiers. Quando anos mais tarde a monja Baudonívia, integrante do mosteiro da Santa Cruz, redigiu uma segunda versão da *Vita Radegundis*, a revolta já era uma questão adormecida, incapaz de deixar algum traço num texto que atuava na produção da memória da comunidade monástica. Ela nos fala de Radegunda e Agnes, das ausências de Maroveu e do pranto de Gregório por ocasião dos funerais da fundadora do mosteiro, mas sequer menciona os terríveis acontecimentos que se seguiram à sua morte. Tudo ficou esquecido, como se tivesse se tratado apenas de um episódio isolado, uma insídia do diabo no coração de Crodielde, como definiu Gregório, bispo de Tours.

REFERÊNCIAS

Abreviaturas

BHL: Bibliotheca Hagiographica Latina.

MGH: AA – Auctores Antiquissimi; SRM: Monumenta Germaniae Historica – Scriptores Rerum Merovingicarum.

Hist.: *Histórias*, de Gregório de Tours.

Carm.: Poemas, de Venâncio Fortunato.

GC: Liber in gloria confessorum, de Gregório de Tours.

GM: Liber in gloria martyrum, de Gregório de Tours.

VM; De virtutibus sancti Martini episcopi, de Gregório de Tours.

Fontes primárias:

BAUDONÍVIA. De vita sancta Radegundis liber II. In: KRUSCH, Bruno (Ed.).

Fredegarii at aliorum chronica. Vitae sanctorum. MGH, SRM, t.2. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1888, p.377-395.

- _____. Vida de Santa Radegunda. In: RUBIO, Francisco P. **La Vida de Santa Radegunda** escrita por Baudonivia. *Archivum*, Oviedo, n.56, p.313-360, 2006, p.326-360.
- CÉSAIRE D'ARLES. Règle des vierges. In: _____. **Oeuvres monastiques**, I: œuvres pour les moniales. Ed. Adalbert de Vogüée et Joël Courreau. Paris: Éditions du Cerf, 1988 (Sources Chrétiennes, n.345), p.170-273 (= *Regula ad virgines*).
- GRÉGOIRE DE TOURS. **Histoire des Francs**. Tr. Robert Latouche. Paris: Les Belles-Lettres, 1999. 2t.
- GREGORIUS TURONENSIS. *Historiarum libri X*. MGH, SRM, t.1.1, ed. alt. Bruno Krusch et W. Levison. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1951.
- _____. De virtutibus sancti Martini episcopi. In: _____. **Miracula et opera minora**. MGH, SRM, t.1.2, ed. alt. Bruno Krusch. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1969, p.134-211.
- _____. Liber in gloria martyrum. In: _____. **Miracula et opera minora**. MGH, SRM, t.1.2, ed. alt. Bruno Krusch. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1969, p.34-111.
- _____. Liber in gloria confessorum. In: _____. **Miracula et opera minora**. MGH, SRM, t.1.2, ed. alt. Bruno Krusch. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1969, p.294-370.
- GREGORY OF TOURS. **Glory of the confessors**. Tr. Raymond Van Dam. Liverpool: Liverpool University Press, 1988.
- _____. **Glory of the martyrs**. Tr. Raymond Van Dam. Liverpool: Liverpool University Press, 1988.
- _____. **The history of the Franks**. Tr. Lewis Thorpe. London: Penguin Books, 1974.
- _____. The miracles of the Bishop St. Martin. In: VAN DAM, Raymond. **Saints and their miracles in Late Antique Gaul**. Princeton: Princeton University Press, 1993, p.199-303.
- HORMISDAS. Exulto in domino. In: CÉSAIRE D'ARLES. **Oeuvres monastiques**, I : œuvres pour les moniales. Ed. Adalbert de Vogüée et Joël Courreau. Paris : Éditions du Cerf, 1988 (Sources Chrétiennes, n.345), p.352-359.
- LES CANONS des conciles mérovingiens (VI^e-VII^e siècles). Ed. Jean Gaudemet, Brigitte Basdevant. Paris: Éditions du Cerf, 1989. 2.v. ("Sources Chrétiennes", n.353-354).
- VENANCE FORTUNAT. Poèmes. Ed. Marc Reydellet. Paris: Les Belles Lettres, 2002-2004, 3.v.
- VENANCIO FORTUNATO. Vida de Santa Radegunda. Tr. Francisco P. Rubio. *Archivum*, Oviedo, n.57, p.219-266, 2007.

VENANTIUS FORTUNATUS. De vita sancta Radegundis liber I. In: **KRUSCH, Bruno (Ed.). Fredegarii at aliorum chronica. Vitae sanctorum.** MGH, SRM, t.2. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1888, p.364-377.

VENANTIUS FORTUNATUS. **Opera poetica:** carminum, epistularum, expositionum. Ed. F. Leo. MGH, AA, t.4.1. Berolini: Weidmannos, 1881.

_____. **Personal and political poems.** Tr. Judith George. Liverpool: Liverpool University Press, 1995.

Obras gerais:

BIBLIOTHECA Hagiographica Latina. Socium Bollandiani: Bruxellis, 1898, 1901. 2.v.

DAYLEY, E. T. **Queens, consorts and concubines:** Gregory of Tours and women of the Merovingian elite. Leiden: Brill, 2015.

DE VOGUÉE, Adalbert; COURREAU, Jöel. Introduction géberale. In: CÉSAIRE D'ARLES. **Oeuvres monastiques, I :** œuvres pour les moniales. Ed. Adalbert de Voguée et Jöel Courreau. Paris: Éditions du Cerf, 1988 (Sources Chrétiennes, n.345), p.19-31.

DUCHESNE, L. **Fastes épiscopaux de l'ancienne Gaule, II.** 2e ed. Paris : Fontemoing, 1910.

FREITAS, Edmar Checon de. Monjas rebeldes: religião e violência em Poitiers. In: XI ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH-RJ, 2004, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2004/Simposios%20Tematicos/Edmar%20Checon%20de%20Freitas.doc>>. Acesso em 31mai2015.

FREITAS, Edmar Checon de. Monjas de Tours em conflito: uma querela doméstica e seus desdobramentos na Gália merovíngia. In: ZIERER, Adriana; VIEIRA, Ana Livia Bomfim; FEITOSA, Márcia Manir M. (Org.). *História Antiga e Medieval:* simbologias, influências e continuidades: cultura e poder. São Luís, Ed. UEMA, 2011, p.209-224.

GAUTHIER, Nancy; GALINIÉ, Henri (Org.). **Grégoire de Tours et l'espace Gaulois.** Actes du congrés international, Tours, 3-5 novembre 1994. Tours: Association Grégoire 94, 1997.

GEORGE, Judith. Introduction. In: VENANTIUS FORTUNATUS. **Personal and political poems.** Tr. Judith George. Liverpool: Liverpool University Press, 1995, p.xvii-xxv.

HEINZELMANN, Martin. **Gregory of Tours:** history and society in the sixth century. Tr. Christopher Carroll. Cambridge: University of Cambridge Press, 2001.

MITCHELL, Kathleen; WOOD, Ian (Org.). **The world of Gregory of Tours.** Leiden : Brill, 2002.

- PONTAL, Odette. **Histoire des conciles mérovingiens**. Paris : Éd. du Cerf, 1989.
- REYDELLET, Marc. Introduction. In: VENANCE FORTUNAT. **Poèmes**. Ed. Marc Reydelet. Paris: Les Belles Lettres, 2002, v.1, p.VII-LXXXIX.
- REYDELLET, Marc. Tours et Poitiers: les relations entre Grégoire de Tours et Fortunat. In: GAUTHIER, Nancy; GALINIÉ, Henri (Org.). **Grégoire de Tours et l'espace Gaulois. Actes du congrés international**, Tours, 3-5 novembre 1994. Tours: Association Grégoire 94, 1997, p.159-167.
- ROSENWEIN, Barbara. Gregory of Tours and episcopal exemption. In: MITCHELL, Kathleen; WOOD, Ian (Org.). **The world of Gregory of Tours**. Leiden : Brill, 2002, p.181-197.
- ROSENWEIN, Barbara. L'espace clos: Grégoire de Tours et l'exemption épiscopale. In: GAUTHIER, Nancy; GALINIÉ, Henri (Org.). **Grégoire de Tours et l'espace Gaulois**. Actes du congrés international, Tours, 3-5 novembre 1994. Tours: Association Grégoire 94, 1997, p.251-262.
- RUBIO, Francisco P. **La Vida de Santa Radegunda** escrita por Baudonivia. **Archivum**, Oviedo, n.56, p.313-360, 2006.
- RUBIO, Francisco P. Venancio Fortunato: **Vida de Santa Radegunda**. **Archivum**, Oviedo, n.57, p.219-266, 2007.
- SMITH, Julia M. H. Access to relics shrines in the Early Middle Ages. In: MITCHELL, Kathleen; WOOD, Ian (Org.). **The world of Gregory of Tours**. Leiden: Brill, 2002, p.163-180.
- VAN DAM, **Raymond**. **Saints and their miracles in Late Antique Gaul**. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- WOOD, Ian. **The Merovingian kingdoms**. London: Longman, 1994.

Este livro foi composto em font Minion Pro, sobre o papel Off-set 75g e capa em Supremo 250g, no sistema digital da Gráfica Minerva Ltda. São Luis-MA, 2017.

Este livro foi impresso na
GRÁFICA MINERVA LTDA
Rua 29, QD. 60, N 15 - Areinha - 65032-130 - MA
Fone: (98)3251-7700 Fax: (98)3251-7579
graficaminerva.net